

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Danilo Romagna Dias Timóteo da Silva

A CERTEZA DA SALVAÇÃO NA CASUÍSTICA PURITANA

São Paulo

2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Danilo Romagna Dias Timóteo da Silva

A CERTEZA DA SALVAÇÃO NA CASUÍSTICA PURITANA

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, *MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor Heber Campos Jr.

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586c	Silva, Danilo Romagna Dias Timoteo Da. A certeza da salvação na casuística puritana : [recurso eletrônico] / Danilo Romagna dias Timoteo da Silva. 95 KB ; Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Heber Campos Jr.. Referências Bibliográficas: f. 4-4. 1. Casuística. 2. Certeza. 3. Consciência. 4. Fé. 5. Segurança. I. Jr., Heber Campos, <i>orientador(a)</i> . II. Título.
-------	--

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Danilo Romagna Dias Timóteo da Silva

A CERTEZA DA SALVAÇÃO NA CASUÍSTICA PURITANA

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (*MDiv*) na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor Heber Campos Jr.

Aprovação ____ / ____ / ____

Orientador: Professor: Heber Campos Jr

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Danilo Romagna Dias Timóteo da Silva**

Programa: Magister Divinitatis - MDiv

Título do Trabalho: A Certeza da Salvação na Casuística Puritana

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o Senhor, por me apresentar pessoas tão maravilhosas e que têm, já há alguns anos, contribuído muito para o meu ministério e vida. Os puritanos têm me ajudado em diversas áreas, e agora, em especial, me trazendo à compreensão de uma doutrina poderosa para a vida e para o ministério. O Senhor foi bom para mim ao me ensinar uma verdade tão pouco conhecida.

Agradeço à minha esposa Amarílis, seu amor, tempo e motivação, sempre esperando e buscando o melhor de mim, com paciência e dedicação.

Agradeço à Igreja Presbiteriana de Curionópolis por orar por mim, e por me ceder o tempo necessário para este trabalho. Espero que colham os benefícios dessas verdades em minha vida e ministério.

RESUMO

É reconhecido e facilmente percebido por aqueles que leem ou já tiveram um bom contato com os escritos dos Puritanos, que sua teologia é prática, e que seu labor intelectual buscava contribuições pastorais, mudanças de ética e conduta. O que pouco se sabe é que os Puritanos trabalhavam esse tipo de conteúdo numa forma escrita que deu origem a uma *casuística* peculiar; e uma doutrina específica e bem presente na casuística puritana foi a Certeza da Salvação. O presente trabalho busca esclarecer a relação orgânica entre a casuística e a doutrina da certeza, e como essa doutrina na casuísta refletiu a identidade puritana e trouxe um modelo importante como possível contribuição pastoral, teológica e ética.

Palavras-chave: casuística, certeza, consciência, fé, segurança.

ABSTRACT

It is often recognized and easily perceived by those who have read or have had enough contact with the writings of Puritans, that their theology is practical, and that their intellectual labor sought pastoral contributions, changes in ethics and conduct. What is less known is that Puritans worked this type of content in a written form that gave rise to a peculiar casuistry; and a specific doctrine that was very much part of Puritan casuistry was the Assurance of Salvation. This present work seeks to clarify the organic relationship between Puritan casuistry and the doctrine of the assurance of salvation, and how this doctrine in the casuist reflected the Puritan identity and brought an important model that may function as a pastoral, theology and ethical contribution.

Keywords: casuistry, certainty, conscience, faith, security, promise, Spirit.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A HISTÓRIA DA CERTEZA NA CASUÍSTICA	11
2 ESTABELECENDO AS BASES DA DOCTRINA: POR QUE HÁ SEGURANÇA	16
2.1 <i>Conceito e Relação entre Fé e Certeza</i>	16
2.2 <i>As Evidências da Graça e a Lógica da Fé</i>	19
3 A IMPORTÂNCIA DA CERTEZA NA VIDA DO CRENTE.....	27
3.1 <i>O Paradoxo da Aflição: Ausência e Crescimento da Certeza</i>	27
3.2 <i>Os Inimigos da Certeza</i>	33
CONCLUSÃO.....	39
BIBLIOGRAFIA	40

INTRODUÇÃO

A casuística puritana se destacou por características notórias que continuam a identificar o puritanismo como um movimento único. A maneira de os puritanos lidarem com os problemas da alma (casos de consciência), ainda é marcante e pouco imitado. Uma doutrina em particular que se destacou na abordagem puritana foi a doutrina da “Certeza da salvação” com suas muitas implicações. Essa doutrina, que se opõem fortemente ao romanismo e ao arminianismo, contribui com a verdade de que o crente pode não apenas crer, mas ter plena certeza de que crê, isto baseado na realidade de que uma fé autêntica, em sua natureza, não pode ser total e definitivamente abandonada, por seus ricos fundamentos.

O objetivo geral dessa pesquisa é definir dois conceitos – a casuística, a princípio, e a doutrina da certeza da salvação de maneira mais focal – e esclarecer as suas relações, mostrando como a doutrina da certeza deve contribuir para o crescimento da igreja e aprofundamento da vida cristã. Assim, deverá se compreender como o puritanismo entendeu e como se beneficiou desta doutrina

Deve-se assumir que a doutrina da certeza da salvação é peculiarmente uma doutrina reformada, marcadamente calvinista e intensamente prática. Da mesma forma, a casuística puritana é singular na maneira como os puritanos a organizaram, em sua natureza e propósito, como abordagem à alma e à consciência.

A doutrina da certeza na casuística expressa sua natureza pastoral e ética. As relações são várias com doutrinas fundamentais como a inerrância e eficácia da Palavra, a ação do Espírito Santo, a santificação, fé, perseverança etc. O aconselhamento bíblico é quem mais se beneficia, e as igrejas de linha reformada devem perceber sua própria identidade na abordagem e mentalidade puritana vista em sua teologia prática.

O presente trabalho é estruturado em três partes: história, teologia e prática. Na história o autor analisa o desenvolvimento da mentalidade e abordagem puritana e sua relação com a casuística e consolidação da doutrina da certeza. Na teologia foca-se nos fundamentos da certeza, e na relação da certeza com a fé e com a perseverança. Na prática, por fim, buscou-se aplicar a doutrina, no uso de circunstâncias e diante de inimigos específicos da consciência, como o legalismo, antinomianismo e o sofrimento; trazendo, ao final, os meios práticos pelos quais deve-se cultivar a certeza da salvação.

1 A HISTÓRIA DA CERTEZA NA CASUÍSTICA

Deus, na sua sabedoria multiforme, manifestou graça em diversos “movimentos” na história da Igreja, um destes foi o movimento Puritano Inglês do século XVII.¹ Um movimento de grandes personagens históricos e contribuições significativas. Há algumas maneiras de identificar o puritanismo: “um tipo de mentalidade... uma atitude... um espírito”;² “jovens, intensamente fortes, intelectuais, progressistas, muito atuais”.³

Os puritanos viam a vida de tal forma completa em Deus que sua influência se espalhou em vários aspectos e camadas, por isso dificilmente poderiam ser definidos por uma única doutrina ou prática; se destacavam por sua “maturidade (...) Os puritanos... eram gigantes. Eram grandes almas servindo a um grande Deus... Visionários e práticos, idealistas e também realistas, dirigidos por objetivos e metódicos, eram grandes crentes, grandes esperançosos, grandes realizadores e grandes sofredores”.⁴

Uma maneira importante de compreender a maturidade puritana, segundo Packer, era percebê-los em seus sofrimentos. “A guerra espiritual fez dos puritanos o que foram. Eles aceitaram o antagonismo como seu chamado, vendo a si mesmos como os soldados peregrinos de seu Senhor”.⁵ Foram soldados no zelo pelo calvinismo, Culto e resolutos na vida prática.

Em meio a tantos pontos cruciais que caracterizaram este grupo, um que deve guiar o presente raciocínio é a marca puritana da teologia prática ou experiencial e o cuidado com as almas. “Sem dúvida os puritanos foram os maiores pregadores da retidão pessoal”.⁶ Os puritanos tinham grande preocupação com a ética e a conduta.⁷ Eles entendiam que a teologia estava intimamente relacionada à vida e deveria ser “experimentada”.⁸ Essa preocupação contínua que caracterizava-os, deu origem a um modelo de escrita peculiar entre eles, em que apresentavam a teologia como uma resposta e um remédio àquilo que chamavam de “casos de consciência”, o que ficou conhecido como *Casuística Puritana* – “um método de demarcar trilhas de uma extremidade a outra

¹ JONES, Martin Lloyd. Os puritanos. Suas origens e seus sucessores. Editora pes: São Paulo, SP. 1993. p. 246.

² *Ibid.* p. 249.

³ PACKER, J. I. Entre os gigantes de Deus. Uma visão puritana da vida cristã. Editora Fiel: São José dos Campos, SP. 2016. p. 8.

⁴ *Ibid.* 27.

⁵ *Ibid.* 28.

⁶ *Ibid.* 193.

⁷ BEEKE, Joel e JONES, Mark. Teologia puritana. Editora vida nova: São Paulo, SP. 2016. p. 1318.

⁸ BEEKE, Joel. Pregação reformada. Editora Fiel: São José dos Campos, SP. 2019. p.27.

da selva ética, a qual com demasiada frequência estabelece separação entre teoria e prática, entre código e conduta e entre religião e moralidade”.⁹

A quantidade de escritos puritanos com esse fim nos ajuda a entender o movimento ou mentalidade puritana como um movimento pastoral. “A Era Puritana precisa ser lembrada como um ponto alto na história do cuidado cristão da alma”.¹⁰ Os pastores puritanos estavam sempre preocupados com os diversos casos de consciência que lhes eram apresentados – “com frequência pastores puritanos procuravam o conselho de colegas em reuniões distritais (em que frequentemente cerca de uma dezena de pastores estava presente) sobre casos específicos”.¹¹

Foi assim que estes crentes de mentalidade robusta e piedosa, produziram uma grande quantidade de escritos e um modelo de pregação que buscavam atingir a alma de cada indivíduo que se colocava sob sua influência, para que suas vidas fossem transformadas por completo. “A casuística é teologia prática, instruindo os cristãos a viverem com integridade, humildade e alegria na presença de Deus em cada dia de sua vida”.¹² Foi Perkins, considerado o pai do puritanismo e pioneiro da casuística puritana, quem disse que teologia é “a ciência de viver abençoadamente para sempre”.¹³ Segundo Peter Lewis, o “gênio do puritanismo” pode ser resumido numa habilidade peculiar que tinham os puritanos de tratar o coração, para tratar a vida:

Os puritanos eram médicos da alma, habilidosos o suficiente para evitar aquela imprecisão e subjetividade que deixa a mente angustiada agarrada a palhas incertas com esperança incerta. Eles acreditavam que a Palavra de Deus nas Escrituras era abrangente o suficiente para cobrir todas as situações e necessidades humanas básicas, e conheciam suas Escrituras bem o suficiente para aplicar, com autoridade responsável, o bálsamo disponível para a ferida exposta.¹⁴

O psicólogo cristão Erick Johnson destaca que “os puritanos viam o ministério pastoral como instrumentos de cura da alma e a igreja como um hospital e acreditavam que ‘todos os cristãos precisam da verdade das Escrituras como o remédio para sua alma

⁹ BEEKE, Joel e JONES, Mark. *Op. Cit.* p. 1309.

¹⁰ JOHNSON, Eric L. Fundamentos para o cuidado da alma. Uma proposta de psicologia cristã. Editora shedd publicações. 1ª edição. 2021. p. 61.

¹¹ BEEKE, Joel e JONES, Mark. *Op. Cit.* p. 1312.

¹² *Ibid.* pp. 1309-10.

¹³ PERKINS, Workes, 1.11. Citado em VLIET, J. Van. The moral theology of William Ames. Disponível em: <<https://www.apuritansmind.com/puritan-favorites/william-ames/the-moral-theology-of-william-ames/>>. Acesso em 15 Nov 2022.

¹⁴ LEWIS, Peter. *The genius of puritanism. Soli deo gloria publications.* Grand Rapids, MI. 1977. p. 65

em todos os estágios”¹⁵. Por isso, é reconhecido que os puritanos produziram “o maior tesouro de literatura de cuidado da alma escrito na língua inglesa (...). Eles, com a vantagem de algumas gerações de reflexão e prática a mais, levaram o caráter do cuidado da alma da Reforma ao seu apogeu”¹⁶.

Richard Baxter (1615-1691) se destacou como teólogo pastoral, escrevendo exaustivamente, aplicando as Escrituras a diversas situações em que uma alma poderia se encontrar. “Estabeleceu um padrão elevado para o cuidado pastoral, o melhor de todos os tempos, graças ao modo como usou as Escrituras para melhorar o bem-estar da alma das pessoas sob seus cuidados”¹⁷. Seus escritos o definem bem (“As *Diretrizes* de Richard Baxter é impressionante em seu escopo e abrangência. Ele preenche 900 páginas em letras minúsculas de duas colunas”),¹⁸ além de seu ministério de visita pastoral regular. “Baxter disse que muitas pessoas ‘que foram ouvintes não proveitosos por tanto tempo, obtiveram mais conhecimento e remorso de consciência em meia hora de aconselhamento, do que em dez anos de pregação pública”¹⁹. A isso ele atribui grande parte do sucesso em levar almas ao entendimento e arrependimento.

A Casuística Puritana encontrou o principal fim da teologia, e confirmaram a posterior definição de Herman Bavinck,

teologia deve demonstrar seu direito e sua verdade não apenas na área da ciência, mas também e mais poderosamente em meio às terríveis realidades da vida – no leito da enfermidade e no leito da morte, no sofrimento e na necessidade, no perigo e na morte, à consciência oprimida pela culpa e ao coração sedento por reconciliação e paz.²⁰

Bavinck explica que essa é a maneira de se identificar uma má teologia, ou uma teologia falha – quando ela não leva à prática, à cura da vida no seu sentido mais real.

Essa é a teologia moderna:

sua impotência tornou-se evidente na prática – ela fracassou no púlpito e na visita familiar porque não tinha conforto a oferecer tanto para a vida quanto no momento da morte. Não foi a academia, mas a igreja; não foi o seminário, mas o púlpito; não foi a apologética, mas o leito da enfermidade e o leito de morte que evidenciaram a pobreza da teologia moderna.²¹

¹⁵ JOHNSON, Eric L. *Op. Cit.* p. 61.

¹⁶ *Ibid.* p. 60.

¹⁷ *Ibid.* p. 61.

¹⁸ KELLER, Tim. *Op. Cit.*

¹⁹ BEEKE, Joel e REEVES, Michael. *Op. Cit.* p. 133.

²⁰ BAVINCK, Herman. *A certeza da fé*. Editora monergismo: Brasília, DF. 1ª Edição. 2018. pp. 36-37.

²¹ *Ibid.* p. 38.

Os puritanos compreendiam, em contraste, que a teologia existia para a cura do ser humano, seu modelo de pregação e aconselhamento definiram seu ministério. Peter Lewis entendeu que “o trabalho de *aconselhamento* do pastor puritano envolvia em grande parte acalmar as consciências de cristãos problemáticos”.²²

É importante destacar que “William Perkins... foi o primeiro a dar à casuística puritana uma forma de método e técnica”. Thomas Merrill assinala que a casuística de Perkins é importante “porque estabeleceu um padrão para toda a obra posterior de teologia moral protestante”.²³ Perkins foi o primeiro, na ala reformada, a perceber a lacuna que necessitava ser preenchida, e Ames, seu sucessor, desenvolveu e deu completude à casuística reformada. Assim, segundo J. Van Vliet,

William Perkins, o pai do puritanismo, escreveu o primeiro exercício de casuística protestante e, com este trabalho, nasceu a casuística puritana, esforço que, sob a reconstrução mais reformada do arquiteto William Ames, tornou-se o primeiro manual para a prática de pietismo reformado informado.²⁴

William Perkins (1558-1602), pai da casuística puritana, “ensinava que a certeza da salvação era o supremo caso de consciência”.²⁵ Saber se está ou não a salvo, se está aprovado ou não diante de Deus, era, segundo os puritanos, a grande dúvida e tormento de muitas almas, e origem de vários outros casos de consciência. Perkins percebeu isso, e focava seu ministério de aconselhamento em sanar dúvidas quanto à salvação e a justiça de Deus.²⁶ Por essa influência, “os ingleses [puritanos] ressaltaram a busca da certeza como um dever solene. Daí, os ingleses costumavam fornecer diretrizes elaboradas, inclusive tratados inteiros, sobre como obter a certeza e por que o crente deve se esforçar para isso”.²⁷

Perkins, em sua *Cases of Conscience*, trata da “Primeira e principal questão que toca o homem”, a saber, “O que um homem deve fazer, para que possa entrar no favor de

²² LEWIS, Peter. *Op. Cit.* p. 64.

²³ BEEKE, Joel e JONES, Mark. Teologia puritana. Editora vida nova: São Paulo, SP. 2016. p. 1315.

²⁴ VLIET, J. Van. The moral theology of William Ames. Disponível em: <<https://www.apuritansmind.com/puritan-favorites/william-ames/the-moral-theology-of-william-ames/>>. Acesso em 11 Nov 2022.

²⁵ DEVER, Mark. A teologia afetuosa de Richard Sibbes (Um Perfil de Homens Piedosos) (p. 97). Edição do Kindle.

²⁶ *Ibid.* p. 98.

²⁷ BEEKE, Joel. Espiritualidade reformada. Uma teologia prática para a devoção a Deus. Editora fiel: São José dos Campos, SP. 2014. p. 397.

Deus e ser salvo?”.²⁸ Para responder a essa pergunta, Perkins observa dois fundamentos: o primeiro trata dos meios pelos quais Deus traz o homem à salvação; o segundo, é o que ele chama de “segunda graça”, que é na verdade uma “continuação da primeira”: “Deus dá a primeira graça: por exemplo, crer e arrepender-se; e então em misericórdia dá a segunda, para preservar e continuar em fé e arrependimento até o fim”.²⁹ No primeiro fundamento, Perkins explica que Deus incita a mente do homem à “considerar seriamente a promessa de salvação proposta e publicada no Evangelho”. Depois disso, vem o “ascender do coração”, isto é, “uma vontade e desejo de acreditar na graça e lutar contra a dúvida e o desespero”. Depois da fé se estabelecer após o combate, há um forte clamor por invocação de perdão e, após a invocação, segue a força e a prevalência deste desejo”. Perkins então considera que “Deus em misericórdia perturba bastante a consciência, no que diz respeito à salvação da alma e à promessa de vida, onde ela repousa e permanece em si mesma”.³⁰

O grande caso de consciência que deveria ser sanado por uma doutrina específica, a doutrina da certeza da salvação, manifesta que essa dúvida e temor afeta a consciência de tal maneira que o homem é prejudicado em todas as suas relações. Buscar a certeza da fé, deve ser o grande e maior passo para a cura da consciência. “Joseph Hall escreveu: ‘Feliz é o homem capaz de ser absolvido por si mesmo em secreto, por outros em público e por Deus em ambos os casos’”.³¹ Reiterando, Peter Lewis entende que é exatamente aqui que os puritanos manifestam sua genialidade (no sentido de personalidade e característica):

Em nenhuma situação a genialidade da teologia pastoral puritana é mais adequada e brilhantemente exibida do que em seu tratamento de cristãos que sofrem de depressões espirituais de vários tipos. Considerada como a forma mais radical de depressão espiritual foi aquela experiência conhecida na literatura puritana como ‘deserção’...³²

A ‘deserção’ era o sentimento de abandono de Deus, que levava à terrível dúvida quanto à salvação. O tema da depressão espiritual permeou os escritos puritanos, e buscar

²⁸ PERKINS, William. *Cases of conscience*. Disponível em: < <https://www.apuritansmind.com/puritan-favorites/william-perkins/cases-of-conscience/>>. Acesso em 15 Nov 2022.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

³¹ BEEKE, Joel e THOMPSON, Nicholas. Puritanos. Lições sobre o puritanismo. Editora defesa do evangelho: Franca, SP. 1ª edição. 2021. P. 143.

³² LEWIS, Peter. *Op. Cit.* p. 66.

curar esse tipo especial de depressão, era uma marca constante de seu ministério, não por acaso, mas pelo simples fato de que esse é o maior caso de consciência.

Assim, os puritanos entenderam e explicaram o fim e natureza da teologia – essa foi talvez sua maior contribuição – consolar e corrigir em direção à certeza. Como Bavinck define: “a história e experiência nos mostram aquilo que mais se espera da teologia: ela deve nutrir a nossa certeza da fé”.³³ A experiência e conhecimento puritanos não deveriam ser esquecidos.

2 ESTABELECENDO AS BASES DA DOUTRINA: POR QUE HÁ SEGURANÇA

2.1 Conceito e Relação entre Fé e Certeza

Compreende-se a segurança ou certeza da fé como um grau mais elevado da fé, assim é necessário entender em parte a natureza e conceito de fé. Então, estabelecer a divisão entre as partes, a fé e a certeza. Ainda que se compreenda que a certeza está na essência da fé, por outro lado, a firme, plena e segura certeza da fé não está. Em outras palavras, pode-se ter fé, mas não possuir plena certeza da fé. Pode se estar salvo, sem saber que está. Pode-se ser um crente autêntico, mas cheio de dúvidas.³⁴

Assumindo a fé como um dom do Espírito, por meio da Palavra, dado somente aos eleitos, a Confissão de Westminster a define assim:

por essa fé, segundo a autoridade do mesmo Deus que fala em sua palavra, crê ser verdade tudo quanto nela é revelado, e age de conformidade com aquilo que cada passagem contém em particular, prestando obediência aos mandamentos, tremendo às ameaças e abraçando as promessas de Deus para esta vida e para a futura; porém, os principais atos fé salvadora são – aceitar e receber a Cristo e firmar-se só nele para a justificação, santificação e vida eterna, isto em virtude do pacto da graça.³⁵

Em seguida, a confissão continua afirmando que “esta fé é de diferentes graus, é fraca ou forte; pode ser muitas vezes e de muitos modos assaltada e enfraquecida, mas sempre alcança a vitória, atingindo em muitos a uma perfeita segurança em Cristo”.³⁶ É nessa elevação e aumento da fé, que ela chega à plena segurança. Daí segue-se, no entendimento dos teólogos puritanos que formularam a Confissão de Westminster, a

³³ BAVINCK, Herman. *Op. Cit.* p. 38

³⁴ SI 51:8,12,14; SI 77:1-10

³⁵ Confissão de Fé de Westminster, 14.II.

³⁶ *Ibid.* 14.III.

necessidade de um capítulo específico para tratar separadamente deste grau elevado da fé – “Da certeza da graça e da salvação” –, capítulo 18 da Confissão. Se a fé é dada somente aos eleitos, a certeza da fé é dada somente a alguns dentre os eleitos.³⁷

Essa distinção não estava tão clara no início da Reforma. João Calvino (1509-1564), apesar de ter assumido essa divisão, não manteve o propósito claro de a manifestar. Ele resume assim a fé: “Chegaremos a uma definição precisa de fé se dissermos que é o conhecimento firme e certo da benevolência divina para conosco, fundado sobre a verdade da promessa gratuita feita em Cristo pelo Espírito Santo, revelada à nossa mente e selada em nosso coração”.³⁸ As qualificações “firme” e “certo” trazem a realidade de que a dúvida é contrária à fé, e a certeza, contudo, está em sua natureza. Assim, Calvino não deixa de reconhecer que “ninguém poderá jamais o conhecer [Cristo] sem dúvidas”.³⁹ Calvino, em dado momento, ressalta que os conflitos e lutas acompanham a fé, e atribui seu crescimento e a vitória gradual sobre as dúvidas, ao avanço da persuasão, uma vez que a fé trabalha com o conhecimento. Ele afirma, então:

Esse conhecimento é seguro e firme tanto mais sólida se expressa a constância da persuasão. Pois, assim como não se contenta com uma opinião dúbia e variável, a fé tampouco se satisfaz com uma concepção obscura e perplexa, mas requer uma certeza plena e fixa, a qual costuma haver acerca das coisas averiguadas e provadas. Pois a incredulidade está tão profundamente arraigada em nosso coração, e somos tão propensos a ela que, embora todos confessem da boca para fora que Deus é fiel, ninguém se convence disso sem grandes lutas.⁴⁰

Os teólogos de Westminster, por sua vez, destacaram as dúvidas, graus e fraquezas da fé de maneira explícita, sendo levados à clara distinção entre fé e certeza. Sua finalidade é pastoral. “Nas Institutas, Calvino está definindo fé; na Confissão de Fé, os teólogos de Westminster estão descrevendo a certeza. Dois elementos afins, porém distintos, estão sendo tratados e contrastados como se fossem a mesma coisa”.⁴¹ Essa diferença se revelou poderosamente útil na Casuística Puritana.

Algumas vezes, os puritanos falavam sobre a segurança da salvação como fruto da fé e, outras vezes, como uma qualidade da fé; falavam sobre a segurança proveniente da fé, assim como sobre a fé que cresce mediante a segurança. Para eles, a segurança era a fé amadurecida e bem desenvolvida; poderia haver fé sem segurança, mas, onde a segurança se fizer presente, ela estará presente como um

³⁷ BROOKS, Thomas. O céu na terra. Editora Pes: São Paulo, SP. 2014. p. 15.

³⁸ CALVINO, João. A instituta da religião cristã. Tomo 2. Editoa unesp: São Paulo, SP. 1559. p. 29.

³⁹ *Ibid.* p. 31.

⁴⁰ *Ibid.* p. 37.

⁴¹ FERGUSON, Sinclair. Somente Cristo. Editora vida nova: São Paulo, SP. 1ª Edição. 2019. p. 219.

aspecto da fé, organicamente relacionada a ela, e não como algo distinto e separado dela.⁴²

Perkins, que destacou a crise da certeza como "o maior caso de consciência", "queria ensinar que a segurança ao mesmo tempo é e não é parte da essência da fé, dependendo de que tipo de segurança se está tratando".⁴³ Há, portanto, dois tipos de segurança na fé:

o primeiro tipo de segurança, que é mais objetiva por natureza, capacita o pecador a ter segurança de que seus pecados são perdoáveis sem que esse perdão tenha acontecido pessoalmente. O segundo tipo, que é de natureza mais subjetiva, é a plena segurança que capacita o pecador a crer que Deus, por amor a Cristo, perdoou pessoalmente todos os seus pecados.⁴⁴

Logo, percebendo-se os graus da fé, entende-se não somente a fé fraca e a fé forte, ambas providas de segurança, mas uma segurança objetiva e uma subjetiva. Para Perkins, há confiança certa e verdadeira mesmo na fé mais fraca, mas a fé forte "é uma plena convicção do coração, pela qual um cristão, apegando-se a Cristo Jesus com muito mais firmeza, considera total e decididamente que Deus o ama, especialmente lhe dando Cristo e todas as suas graças que dizem respeito à vida eterna".⁴⁵ Essa é uma certeza subjetiva. Para o puritano Thomas Brooks (1608-1680), "no devido tempo, a fé cresce por conta própria e avança rumo à certeza".⁴⁶ A fé forte é o outro nome para a plena segurança da fé. É aqui onde estão os maiores tesouros prometidos à fé agora – "Estar no estado de graça garante ao crente o céu futuro, mas, ver-se nesse estado lhe rende o céu aqui e na eternidade; garante a ele dupla bem-aventurança: no céu e em sua consciência".⁴⁷

Outra forma de compreender esta distinção, é perceber a fé e a certeza da fé como um ato direto e um ato reflexo da fé, respectivamente. Por ato direto entende-se a fé sobre o objeto que salva – Cristo; por ato reflexo, entende-se a fé sobre si mesma, observando sua própria qualidade e autenticidade. Nas palavras de J. G. Vos:

Recebemos a salvação ao crermos em Cristo e recebemos a certeza da salvação ao crermos que cremos nEle do modo correto. Na salvação, o objeto da nossa fé é Cristo, mas no caso da segurança, não cremos diretamente em Cristo, antes,

⁴² PACKER, J. I. Entre os gigantes de Deus. Uma visão puritana da vida cristã. Editora fiel: São José dos Campos, SP. 2ª Edição. 2016. p. 294.

⁴³ BEEKE, Joel e JONES, Mark. Teologia puritana. Editora vida nova: São Paulo, SP. 2016. p. 839.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ *Ibid.* p. 840.

⁴⁶ BROOKS, Thomas. O céu na terra. Editora Pes: São Paulo, SP. 2014. p. 27.

⁴⁷ *Ibid.* p. 19.

cremos em algo a nosso próprio respeito; isto é, que recebemos alguma coisa diretamente de Cristo por crermos nEle.⁴⁸

A certeza da salvação como ato reflexo da fé, significa que “seu objeto direto não é Cristo, mas a pessoa que crê. O ato direto da fé diz: ‘Cristo é capaz de salvar’, mas o ato reflexo diz: ‘Fui salvo por meio da fé em Cristo’”.⁴⁹ Segundo Francisco Turretini (1623-1687): “pelo [ato] direto ela [a fé] se inclina para a própria promessa; mas, pelo reflexo, para sua própria apreensão, e assim não só crê, mas também sabe que crê”. Esse é, segundo ele, um “privilégio peculiar da alma racional” – entender que entende – “está cônica de sua própria operação”.⁵⁰ Nas palavras de Richard Sibbes (1577-1635):

devemos saber que há um duplo ato de fé na alma crente: 1. Um ato de fé, confiança e dependência; 2. Um ato de segurança sobre esse ato de dependência. Uma coisa é eu crer e me lançar sobre Cristo para o perdão dos meus pecados, e outra coisa é eu me sentir seguro e perdoado por causa desse ato.⁵¹

Esse caráter subjetivo e reflexo da certeza não deve ser compreendida separada da Palavra, mas todos os seus fundamentos e provas, onde se alicerça, devem estar vinculados à Palavra - “não deve estar nas Escrituras, mas no coração do crente com base nas Escrituras, e em concordância com elas é transcrita pelo dedo de Deus, porque ela surge da visão do coração ou do senso e da experiência do crente”.⁵² Assim, há três fundamentos para a certeza da fé: As promessas em Cristo, fundamento primário da certeza; as evidências da graça; e o testemunho do Espírito. No presente trabalhos, destacaremos apenas o segundo fundamento, a saber, as evidências da graça, como segue.

2.2 As Evidências da Graça e a Lógica da Fé

A consciência foi dada a humanidade para que “os homens racionalmente se julguem”.⁵³ Beeke e Thompson esclarecem que, para os puritanos, “a consciência realiza sua tarefa dada por Deus, por meio da argumentação silogística”.⁵⁴ Esse exercício da fé,

⁴⁸ VOS, Johannes Geerhardus. Catecismo maior de Westminster comentado. Editora os puritanos: São Paulo, SP. 1ª edição. 2007. p. 234.

⁴⁹ FERGUSON, Sinclair. *Op. cit.* p. 220

⁵⁰ TURRETINI, François. Compêndio de teologia apologética. Volume 2. Editora cultura cristã: 1ª Edição. 2011. p. 742.

⁵¹ Sibbes, Richard. A Vida de Fé (As Obras Completas de Richard Sibbes, Volume 5) (pp. 84-85). Edição do Kindle.

⁵² *Ibid.* p. 751.

⁵³ BEEKE, Joel e REEVES, Michael. Puritanos. Toda vida para a glória de Deus. Editora defesa do evangelho: Franca, SP. 1ª edição. 2021. p. 146.

⁵⁴ BEEKE, Joel e THOMPSON, Nicholas. Puritanos. Lições sobre o puritanismo. Editora defesa do evangelho: Franca, SP. 1ª edição. 2021. p. 145.

no uso da consciência, portanto, é exercício racional e lógico, em que a fé considera provas para chegar a uma conclusão.

O autoexame, então, como exercício da fé, no uso diligente da consciência e da razão, diz respeito ao dever da alma de olhar para si mesma e confirmar sua condição. É “uma auto suspeita; é uma atitude de humildade do coração do crente que, suspeitando de si mesmo, inquire sua própria consciência acerca de suas motivações, desejos, ações e reações”.⁵⁵

Esse dever está ao alcance da alma, por isso deve ser feito. Segundo o puritano Thomas Watson (1616-1686): “o autoexame, sendo um ato reflexivo, é difícil. [...]. É difícil olhar para dentro de si e ver a face de sua própria alma. O olho pode ver tudo, menos a si mesmo”.⁵⁶ No entanto, é aqui que se percebe aquilo que de outra maneira não poderia ser compreendido a respeito do passado ou do futuro eternos da alma – sua eleição e glorificação. Ambas se comprovam nas evidências da graça. Uma alma aflita pela dúvida quanto à sua eleição e sua predestinação pode ser confortada pelas manifestações presentes de suas graças, pois a salvação é integral, e cada uma de suas partes estão unidas em um todo.

A dúvida, por um lado, manifesta uma anormalidade na fé, que lhe é contrária, por outro, representa o anseio e necessidade da fé de saber se está segura. “Não é suficiente que Deus (tendo em conta sua glória e nossa salvação) derrame bênçãos sobre nós, a menos que ele imprima em nossa mente o senso e o conhecimento delas, de modo que possamos (...) desfrutá-las”.⁵⁷ A saúde da fé é determinada por este conhecimento. Assim, os puritanos explicam que a fé se une à razão no uso da lógica. Pelo ato reflexo, considerando a si própria, a fé olha para si mesma de forma silogística, e conclui como está. Beeke, citando o puritano Anthony Burgess, observa que o silogismo pode ser prático ou místico, dizendo respeito, respectivamente, à condição exterior e à condição interior da alma. O silogismo funciona numa estrutura de premissa maior, premissa menor e conclusão, da seguinte maneira: “Todo aquele que crê é salvo; eu creio; portanto sou salvo”.

⁵⁵ VICENTE, Christopher. *A Prática Bíblico-Puritana do Autoexame* (p. 7). Nadere Reformatie Publicações. Edição do Kindle.

⁵⁶ *Ibid.* p. 14.

⁵⁷ TURRETINI, François. *Op. Cit.* p. 483.

Essa maneira de avaliar se torna claramente bíblica quando se lê, por exemplo, a primeira carta de João, que se utilizou abundantemente deste método: “*Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus*” (1João 5:13). Este era, propriamente, o objetivo de João na sua carta. Convencer os que criam, de que criam. Diferente de seu evangelho, que foi escrito “*para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome*” (João 20:31); sua carta foi escrita para que aqueles que creem, saibam que creem.

Essas evidências da fé se manifestam tanto na alma quanto fora da alma, como seu fruto visível. Na alma, num silogismo místico, interior, deve-se avaliar os desejos e as vontades da fé, o amor a Deus, a humildade e pobreza de espírito, o temor, o desejo por viver uma vida santa, o arrependimento, a paciência etc. No silogismo prático, deve-se observar suas obras de santidade e justiça, no amor ao próximo e nos deveres da devoção e culto. Beeke diz que, “se o homem temente a Deus consegue encontrar qualquer um desses sinais em si mesmo, pode ficar seguro de sua salvação e justificação, mesmo que não veja todos os sinais em si mesmo”.⁵⁸ E conclui que esse modo de agir, não é um método independente e autônomo da razão, em que a consciência age à parte do Espírito Santo, antes, “a certeza obtida pelo uso de um silogismo era ela mesma obra do Espírito de Deus. Todos os cristãos estavam proibidos de confiar em sua própria confiança ou nas conclusões que extraíram dela, separadamente do Espírito”.⁵⁹

É importante saber que essas evidências nunca serão encontradas todas ao mesmo tempo. Que não são necessárias todas as evidências para encontrar segurança,⁶⁰ afinal de contas, não existe um crente que viva assim de tal forma, sem pecado.⁶¹ Mas, pode haver consolo se a fé perceber uma única evidência real. E, a certeza é aumentada à medida que outras evidências surgirem. E assim, as evidências tanto aumentam a certeza, quanto a certeza aumenta as evidências. Pois, à medida que a fé cresce, a alma dá mais frutos. O que não acontece é uma fé sem frutos, pois é da natureza da fé frutificar, e não apenas frutificar, mas dar *bons* frutos. Assim Jesus explicou na parábola do semeador que uma

⁵⁸ BEEKE, Joel. A segurança da salvação. Editora Vida nova: São Paulo, SP. 1ª Ed. 2019. pp. 101-104.

⁵⁹ *Ibid.* p. 107.

⁶⁰ *Ibid.* p. 112.

⁶¹ 1João 1:8-10.

falsa conversão e uma falsa fé podem aparentar, temporariamente, serem verdadeiras, mas a verdadeira fé, persevera e dá *bons* frutos, “*a cem, a sessenta e a trinta por um*”.⁶²

Portanto, a fé tem íntima relação com a experiência, porque “*a fé, se não tiver obras, por si só está morta*” (Tiago 2:17). Logo, “a questão da experiência está intimamente ligada a certeza da salvação”. Brooks disse que “‘a certeza lhe dará uma porção do céu’ e ‘uma alma segura vive no paraíso, e caminha no paraíso, e trabalha no paraíso, e descansa no paraíso; ela tem o céu dentro dela, o céu com ela e o céu sobre ela’”.⁶³ O raciocínio, segundo Hulse, é que “o Espírito Santo que dá a vida espiritual capacita o crente a reconhecer tal vida espiritual”.⁶⁴

Essa certeza que brota das conclusões lógicas da fé, deve produzir verdadeira piedade e humildade, pois comprovam e legitimam, mas não salvam ou regeneram. Sua função é secundária e, ainda assim, é obra do Espírito. Por isso, “tão longe essa doutrina da certeza da graça está de ser a mãe da segurança [carnal] e a parteira da licenciosidade, que não há maior incentivo à genuína piedade do que o vívido senso do amor de Deus e de seus benefícios”.⁶⁵ A verdadeira certeza deve promover a humildade e o serviço, não a presunção e o orgulho.

A vida que brota da fé é sua extensão, e não poderia ser de outra forma, pois é a fé sendo expressa pelo amor e pela santidade. Assim, jamais deve-se pensar nessa fundamentação lógica, separada da Palavra e da obra do Espírito, que geram a fé e a vida. Essa é a diferença daquele conhecimento carnal e presunçoso sobre obras vazias. As evidências da graça são a manifestação da experiência de uma fé real, nascida da Palavra e do Espírito. Por isso a fundamentação primária e objetiva da certeza são as promessas. Daí, em sua fundamentação subjetiva, a começar por suas evidências, tem-se a experiência real do conhecimento verdadeiro da fé. Anthony Burgess (1600-1663) diz: “Conhecimento adquirido por argumentos gerais e razões abstratas não podem ser chamadas de *conhecimento experiencial*. Portanto, além desse conhecimento, exame é necessário para determinar se um fim é bom ou mal”.⁶⁶

⁶² Mateus 13:1-23.

⁶³ HULSE, Errol. Quem foram os puritanos? Editora pes: São Paulo, SP. 2004. P. 89.

⁶⁴ *Ibid.* p. 181.

⁶⁵ TURRETINI, François. *Op. Cit.* p. 485.

⁶⁶ ANTHONY, Burgess. Faith seeking assurance. Disponível em: <https://content.wtsbooks.com/shopify/pdf_links/9781601783691.pdf>. Acesso em 22 Set 2022. p. 2.

Burgess, comentando 2Coríntios 13:5, afirma que “é um dever de especial preocupação que o povo de Deus tenha a certeza da verdadeira e salvadora obra da graça em si mesmos, pois por meio dessa garantia, eles sabem que não são hipócritas doentios”.⁶⁷ Burgess enfatiza, como outros puritanos, a realidade do conhecimento experiencial como característica essencial da fé e da certeza. Isso é fundamental para compreender a distinção entre tudo aquilo que vem de Deus, e aquilo que é mera aparência. O que vem de Deus é *experimentado* pelo crente.

É importante observar a harmonia, e como isto flui da essência da casuística. Como afirma William Ames (1576-1633), responsável pelo desenvolvimento da casuística depois de Perkins e modificando algumas de suas ideias: “a ciência deve se voltar para a realidade, deve sempre ser direcionada para a experiência e deve manter o uso prático em vista”.⁶⁸ Assim, Ames descreve o cerne da teologia prática:

O que principalmente e finalmente deve ser buscado não é a felicidade que tem a ver com nosso próprio prazer, mas a que olha para a glória de Deus. Por esta razão, a teologia é melhor definida como aquela vida boa pela qual vivemos para Deus do que aquela vida feliz pela qual vivemos para nós mesmos.⁶⁹

O conhecimento *experiencial* ou experimental é, então, outra maneira de tratar as evidências da verdadeira fé, é a base da certeza e fruto da fé autêntica. “A palavra experimental vem de uma raiz latina que significa ‘tentar, provar ou testar’”.⁷⁰ Burgess explica que “a palavra *provar*... implica que um autoexame severo e diligente é necessário para ter um *conhecimento experiencial* completo do que está dentro de nós (Romanos 5:4). Assim, ele conclui que “uma pessoa com conhecimento experimental tem um coração que é como a colcha da Bíblia. A Escritura é o original, e seu coração é a cópia dela. O crente pode ler sobre as promessas e ameaças das Escrituras e dizer: ‘Isto está bem provado; o caso está encerrado’”.⁷¹

Concluindo, o puritano John Owen (1616-1683), assim como outros, contribuiu trazendo uma lista não exaustiva das “evidências da fé salvífica”. Quer dizer: o que a fé

⁶⁷ *Ibid.* P. 5.

⁶⁸ AMES, William. *Conscience with the power and cases thereof*. Apud: VLIET, J. Van. The moral theology of William Ames. Disponível em: <<https://www.apuritansmind.com/puritan-favorites/william-ames/the-moral-theology-of-william-ames/>>. Acesso em 11 Nov 2022.

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ BEEKE, Joel R. Pregação reformada: proclamando a palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus (p. 29). Edição do Kindle.

⁷¹ ANTHONY, Burgess. *Op. Cit.* P. 14.

deve procurar em si mesma para concluir que é real e legítima, segundo a Palavra de Deus. Antes de tudo, deve-se examinar pela Palavra, que a natureza da fé é estabelecida pela “salvação por meio de Jesus Cristo” como “efeito primário da sabedoria, do poder, da bondade, do amor e da graça divina”; segundo, que, “o propósito do Evangelho é mostrar, declarar e testificar disso, e tornar conhecida a glória de Deus na salvação”; terceiro: “a fé salvífica é o ato, o dever e a obra da alma pela qual, considerando estas coisas, recebemos a Palavra de Deus e a Ele atribuímos a glória por todas elas; e, por fim, deve-se saber que “a alma, com base nisso, renuncia, no que toca à vida e à salvação, todos os demais caminhos, maneiras e esperanças de aceitação por parte de Deus, queiram essas outras maneiras oponham-se ao caminho de salvação determinado por Deus, queiram se adicionem a ele”.⁷²

A partir daí, Owen diz que a fé autêntica possui dois desejos primários, a saber, a glória de Deus, e a salvação da alma. “O desejo pela glória de Deus aumenta o desejo por nossa própria salvação, e o desejo por nossa própria salvação aumenta e inflama o desejo de, nisto, glorificar a Deus”.⁷³ A glória de Deus é o início e o fim de toda obra. Assim, “o primeiro feixe de luz espiritual e graça... cria um desejo infatigável pela glória de Deus na mente e na alma”.⁷⁴ Daí decorre o desejo por salvação, ou expressa-se o louvor no desejo por salvação. Esse desejo por salvação, investigado e fixado por aquele silogismo místico, é percebido como uma *fé particular*,⁷⁵ nas palavras de Sibbes, em que cada promessa é tomada como direcionada ao indivíduo, assim, “a fé está persuadida não só de que este abençoado caminho salvará pecadores em geral, mas que também especificamente a salvará a si mesma”.⁷⁶ Esta primeira evidência, Owen assim resume: “Aceitar, abraçar e escolher a maneira que Deus providenciou para salvar pecadores mediante a obra de Cristo somente”.⁷⁷

Depois disso, segue-se a obediência, na santidade e no cumprimento dos preceitos divinos. Como Owen descreve, é o “sujeitar-se constantemente à vontade de Deus revelada na Escritura concernente à nossa santidade e obediência”. A santidade não é ocasional, mas expressão orgânica da fé, e deve ser buscava, e vivida sempre, se uma fé

⁷² OWEN, John. Evidências da Fé Salvífica (pp. 30-31). Editora Trinitas. Edição do Kindle.

⁷³ *Ibid.* p. 34.

⁷⁴ *Ibid.* p. 33.

⁷⁵ SIBBES, Richard. A Vida de Fé (As Obras Completas de Richard Sibbes, Volume 5) (p. 80). Edição do Kindle.

⁷⁶ *Ibid.* p. 39.

⁷⁷ *Ibid.* p. 16.

é real, ainda que em diferentes graus. “A fé persistirá sujeitando-se à santidade e lhe prestará obediência em todas as situações e circunstâncias”.⁷⁸ Resume-se assim: “Continuamente aceitar, abraçar e louvar a santidade e a obediência que Deus exige conforme reveladas nas Escrituras”.⁷⁹ A fé possui uma relação necessária com a santidade e não lhe pode ser negada, portanto, avaliar a fé, é avaliar a santidade de vida. Para Owen, a santidade é não só expressão da fé, mas conformação a Deus. É o que Deus exige, porque é o que Ele é. Logo,

A fé, então, discerne a semelhança de Deus em cada aspecto dessa santidade. A fé enxerga que é apropriado a Deus exigir santidade e, com base nisso, aceita a exigência e reverencia a Deus naquilo que Ele exige. A fé aceita e louva a santidade em todas as suas partes e em tudo o que lhe pertence, incluindo sua forma, seus atos e deveres.⁸⁰

Por fim, a fé verdadeira se evidencia pelo arrependimento. “Aquele que não se arrepende genuinamente do pecado não é um verdadeiro crente, não importando o que professe acreditar”.⁸¹ Assim, se há pecado, é próprio da fé a tristeza que lhe contrasta e reage pelo retorno à santidade. “A fé salvífica restabelecerá a tristeza e a vergonha próprias da piedade, com autorreflexão, em grande humilhação da mente – tudo pretendido nesse estado de arrependimento”.⁸²

Ainda que a queda não seja da natureza da fé, ela é uma realidade presente. Mas a fé genuína cai, mas reage à queda. Aqui deve-se levar em conta o tamanho e a força do escândalo, e o tamanho da fé por sua certeza. Porém, ainda que a queda seja grande, a menor fé, sempre reage, mesmo que por um tempo maior, e num uso mais fraco de sua defesa. Owen afirma que “a fé demonstrará sua realidade em seu esforço pelas coisas pretendidas, ainda que seus efeitos sejam, em algumas delas, pequenos e fracos”. Aqui está um consolo: “se a fé mantém tal meta, sinceramente buscando-a, ainda que falhe ou não veja nenhum progresso, ela mostrará sua integridade”.⁸³ É assim, de tal forma, o arrependimento ligado à vida, que Owen conclui:

Eu quase diria que esta equivale a todas as demais evidências, porque sem a tristeza piedosa não existirá absolutamente nenhuma outra. Quando esse não é o

⁷⁸ *Ibid.* p. 45.

⁷⁹ *Ibid.* p. 16.

⁸⁰ *Ibid.* p. 57.

⁸¹ *Ibid.* p. 80.

⁸² *Ibid.* p. 83.

⁸³ *Ibid.* p. 86.

quadro, ao menos em uma boa medida, a alma não pode ter nenhuma evidência significativa de que goza de bom estado.⁸⁴

Essas são, segundo John Owen, algumas necessárias evidências para manifestar a realidade autêntica da fé, que devem ser buscadas pelo crente à procura da certeza. Em resumo, tudo o que se procura como evidência, é obediência e fruto da obediência, tanto interna, quanto externamente, tanto desejos e afeições, como obras de caridade e devoção, amando a Deus e ao próximo. O Apóstolo Paulo expressa assim: “*Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele, nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças*” (Colossenses 2:6,7). Aqui estão a obediência, perseverança e certeza.

Deve ser enfatizado, que perceber essas evidências não fundamentam a salvação, nem mesmo as evidências em si são a base da salvação. A salvação acontece pela graça, por meio do Filho de Deus, sua vida, morte e ressurreição, através da fé. Assim, as evidências devem servir de remédio para as dúvidas, e estímulo para a obediência. São o fundamento subjetivo da certeza da salvação. Não raro, o crente não sabe e não pode ver essas evidências, e é dominado pela dúvida e temores. Há alguns motivos para isso. William Guthrie, explica que “alguns ficam incertos a respeito de serem cristãos ou não em decorrência de não saberem que Deus lida com as pessoas de várias formas”.⁸⁵ Muitas vezes, “podemos estar inseguros sobre sermos cristãos ou não, por não sermos honestos com Deus. Se estamos nos apegando a algum pecado, mesmo sabendo que é errado, e se não pedimos o perdão de Deus e sua ajuda para lutar contra o mal”.⁸⁶

Há também a falta de interesse e disposição no autoexame. “Se de fato não queremos saber se somos cristãos verdadeiros ou não, não é de surpreender que estejamos confusos sobre tudo isso. Precisamos fazer algum esforço para ver se já nascemos de novo”.⁸⁷ Outras vezes, mesmo que haja interesse, há a busca pelos “sinais errados de serem cristãos. Então, por não verem esses sinais em si mesmos, ficam em dúvida se pertencem a Deus ou não”.⁸⁸ Quando não, alguns olham para um modelo e determinam que deveria ser assim em sua própria vida. Desconhecem que “as pessoas não são chamadas a Jesus do mesmo modo.

⁸⁴ *Ibid.* p. 100.

⁸⁵ GUTHRIE, William. As raízes de uma fé autêntica. Editora pez: São Paulo, SP. pp. 15-16.

⁸⁶ *Ibid.* p. 16.

⁸⁷ *Ibid.*

⁸⁸ *Ibid.* p. 15.

O puritano William Guthrie (1620-1665) explica que existem alguns que são chamados muito cedo em suas vidas, ou tem um chamado súbito e rápido, já outros vêm a Cristo quando estão perto da morte etc. Vale colocar também, segundo Guthrie aponta, que alguns tem uma visão superficial do pecado, e não se atentam para pecados que são “como uma doença dentro deles”, lutando apenas por uma vida exterior, sendo melhores do que muitos e de muitas maneiras, nas obras externas.⁸⁹

Assim, os puritanos praticaram e ensinaram como a fé pode olhar para si mesma, e, considerando sua condição, pode confirmar quem é, “*pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*”. (2Pedro 1:11).

3 A IMPORTÂNCIA DA CERTEZA NA VIDA DO CRENTE

3.1 O Paradoxo da Aflição: Ausência e Crescimento da Certeza

Como dito antes, os puritanos eram pessoas que “sabiam sofrer”. Tudo pelo que passaram em suas vidas pessoais, ministério, sociedade, teve grande contribuição para formar sua identidade, e afirmar sua teologia. O tema do sofrimento entre os puritanos é trabalhado com autoridade. É um conhecimento que eles experimentaram de fato.

É interessante perceber que comumente pensa-se na aflição como razão para fraqueza na fé, cair na tentação. Isso porque de fato normalmente acontece – um crente fraqueja na hora da tribulação. De outra forma, é conhecido, mas menos percebido, a princípio, a realidade de que o sofrimento contribui para o crescimento da fé. E essa é uma realidade fundamental na vida do crente.

O salmista, no Salmo 77, faz uma triste declaração: “*No dia da minha angústia, procuro o Senhor; erguem-se as minhas mãos durante a noite e não se cansam; a minha alma recusa consolar-se*” (Sl 77:2). Aqui Asafe descreve um dos piores, provavelmente, o pior sentimento da alma, o que os puritanos chamaram de “deserção”,⁹⁰ também conhecida como depressão espiritual. O sentimento de ter sido abandonado por Deus. Há

⁸⁹ *Ibid.* p. 23.

⁹⁰ LEWIS, Peter. *The genius of puritanism. Soli deo gloria publications.* Grand Rapids, MI. 1977. p. 66.

uma condição, a mais terrível para o ser humano, a de ser abandonado por Deus, entregue aos seus pecados, este é o juízo final e presente sobre a criatura rebelde.⁹¹

Mas uma situação semelhante, pela qual o crente passa, porém que brota mais do seu coração, é o sentimento que trabalha com a aparência, a ideia de que Deus o abandonou. Geralmente, esse senso de “deserção” de Deus está associado ao sofrimento. É a “experiência aos olhos do homem e como pareceu ao sujeito, no qual o sentido ‘vivo’ da presença de Deus e uma participação ou ‘interesse’ nele foi negado ao cristão.”⁹² Nas palavras de Goodwin, é quando “um filho da luz anda nas trevas”.⁹³

Asafe se questiona: “*Cessou perpetuamente a sua graça? Caducou a suas promessas para todas as gerações? Esqueceu-se Deus de ser benigno? Ou, na sua ira, terá ele reprimido as suas misericórdias?*” (Sl 77:8,9). Suas palavras descrevem uma situação terrível, algo que jamais poderia acontecer: Deus cessar sua graça sobre seu povo, quebrar suas promessas, cessar sua obra perpétua e cabal de salvação. Isso é o que a aflição pode trazer sobre a alma do crente – “*disse eu na minha aflição, mudou-se a destra do Altíssimo*” (v. 10). É quando a aflição do corpo adentra à alma, e alma não responde proporcionalmente à realidade, seu coração é levado à angústia profunda, à perda da certeza.

Por diversos modos podem os crentes ter a sua segurança de salvação abalada, diminuída e interrompida negligenciando a conservação dela, caindo em algum pecado especial que fira a consciência e entristeça o Espírito, cedendo a forte e repentinas tentações, retirando Deus a luz do seu rosto e permitindo que andem em trevas e não tenham luz mesmo os que temem...⁹⁴

Se Deus não abandona jamais, como tem sido dito até aqui sobre a base da certeza do crente, logo, o cristão aflito nessas condições, deixa-se levar pela aparência, justamente contrariando a própria natureza da fé, que “vê o invisível”. “A falta de certeza... pode estar relacionada a uma visão equivocada do papel da aflição na vida do cristão. [...] o erro fatal está em basear nossa certeza da graça e da salvação no fato de que ‘Deus está abençoando a minha vida’.”⁹⁵ É então que o crente deve apreender os dons valiosos do *contentamento* e da *confiança*. A graça de Deus em Cristo é suficiente, e o

⁹¹ Romanos 1:24.

⁹² LEWIS, Peter. *Op. Cit.* p. 66.

⁹³ *Ibid.*

⁹⁴ Confissão de Fé de Westminster, 18:IV.

⁹⁵ FERGUSON, Sinclair. *Op. Cit.* p. 254.

amor soberano de Deus tem um propósito em tudo que realiza. É aqui que os puritanos habilidosamente trabalhavam com o paradoxo.

É a fé entendendo aquilo que a razão não pode compreender por si só. Como Paulo experimentou: *“De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas (...) Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte”* (2Coríntios 12:9-10). A conclusão do Apóstolo passou, antes, por um processo, até que ele considerasse *“tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo”* (Filipense 3:8). Assim, o tom de Asafe muda subitamente no Salmo 77, e o caráter e as obras de Deus lhes vêm ao coração: *“Recordo os feitos do Senhor, pois me lembro das tuas maravilhas da antiguidade. Considero também nas tuas obras e cogito dos teus prodígios”* (v. 11,12).

A ausência da certeza, pela qual o rei Davi passou, quando orou: *“Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que exultem os ossos que esmagaste... Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário”* (Sl 51:8,12), essa ausência não representa a perda da fé. Na sua conhecida obra traduzida para o português como “O caniço ferido”, Richard Sibbes considera exatamente que a menor fé é real, indestrutível, e deve ser cultivada. “O fogo pode ser buscado nas cinzas, ainda que não visto. A vida no inverno fica escondida na raiz. Devemos tomar cuidado com o falso raciocínio, tal como: porque nosso fogo não inflama como o dos outros, logo, não temos fogo em absoluto”.⁹⁶ Na verdade, o sofrimento deve mesmo identificar uma fé real, sendo de tal forma necessário para a fé ser “apurada pelo fogo”.

Assim, a Escritura une a provação à fé, à certeza e à perseverança: *“É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos), pois que filho há que o pai não corrige?”* (Hebreus 12:7). A perseverança identifica a fé e a confirma pela aflição, afinal, como a Escritura afirma, *“o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma”*. O escritor, então, identifica assim a igreja: *“Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma”* (Hebreus 10:38,39). Tiago, da mesma forma, entende que os que crentes podem se alegrar nas provações, *“sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança”* (Tiago 1:2,3).

⁹⁶ *Ibid.* p. 38.

Brooks entendeu que existia algo importante na provação:

Os tempos de aflições pessoais são tempos nos quais ao Senhor apraz conceder generosamente aos seus, agradáveis manifestações do seu amor e do seu favor. [...] Ah, cristãos! Não aconteceu que Deus, por meio das aflições, elevou suas almas aproximando-as do céu, como a arca de Noé foi elevada pela crescente elevação das águas, chegando mais perto do céu? Assim também as aflições realmente elevam e avivam os afetos pelo céu e pelas realidades celestiais.⁹⁷

Ele traz alguns pontos importantes sobre a aflição que devem reforçar a certeza e o consolo do crente. Brooks orienta: “Considere cristão, que todas as provas e problemas, calamidades e misérias, cruces e perdas que você encontrar neste mundo, será o único inferno que você terá!”. Assim, “aqui e agora, você tem o seu inferno. Logo mais, você deverá ter o seu céu! Sua pior condição é aqui e agora; o melhor ainda está por vir!”⁹⁸

A provação está entre a fé e o pecado, entre Cristo e a concupiscência, não unindo-os, mas separando-os. Esse é um grande propósito de Deus. Deve-se compreender a aflição em relação à natureza caída do crente e muitas vezes, a pecados específicos. “Os pecados são a causa meritória de todas as nossas dores e sofrimentos. Devemos ler nossos pecados em todas as nossas tristezas! Enquanto a mão de Deus estiver sobre nossas costas, as nossas mãos deverão estar sobre nossos pecados”.⁹⁹ Segundo Brooks, as provações contribuem para o entendimento da alma acerca de si mesma diante do pecado. “Poucos Cristãos veem e compreendem a si mesmos corretamente. Nas provações Deus revela grande parte da pecaminosidade de um homem a fim de levá-lo à piedade”. A santificação tem íntima relação com a aflição:

Quando o fogo é colocado sob a panela, logo aparece a escória. Assim, quando Deus prova uma pobre alma, Oh! Como... a escória do orgulho, a escória da murmuração, a escória da desconfiança, a escória da impaciência, a escória do mundanismo, a escória da carnalidade, a escória da loucura, a escória da obstinação — que se revela no coração da pobre criatura?¹⁰⁰

O pecado, não a aflição, faz com que o crente perca de vista a realidade da pessoa e obra de Cristo. A alma não deve esquecer que o próprio Senhor “*suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma*” (Hebreus 12:3). O próprio exemplo de Cristo entra na lista dos auxílios à

⁹⁷ BROOKS, Thomas. O céu na terra. Editora Pes: São Paulo, SP. 2014. p. 97.

⁹⁸ BROOKS, Thomas. O silêncio do cristão sob o ardor da vara. O estandarte de Cristo. Disponível em: <<https://oestandartedecristo.com/2019/03/21/o-silencio-do-cristao-sob-o-ardor-da-vara-por-thomas-brooks/>>. Acesso em 23 Set 2022. p. 6.

⁹⁹ *Ibid.* p. 30.

¹⁰⁰ *Ibid.* p. 7.

certeza. “Deus teve apenas um Filho sem corrupção, mas Ele não teve nenhum sem tentação! Através das tentações o Senhor conformará o Seu povo mais e mais à imagem de Seu Filho. Cristo foi muito tentado; Ele foi muitas vezes à escola da tentação”.¹⁰¹

Se a realidade da salvação é inabalável, o sentimento enganoso de abandono e deserção não é tanto produto da obra de Satanás, quanto é do pecado íntimo e da própria mente do crente. O remédio é confiar no Senhor e acreditar nas suas promessas. Ora, “provações severas às vezes levam os cristãos a perderem sua certeza de fé. [...] A incerteza pode esconder-se por muitos anos atrás de boa saúde física e prosperidade material”.¹⁰² Assim, Brooks diz: “Não se trata de Satanás ser o tentador, mas o meu assentimento; não é a sua sedução, mas a minha rendição que me arruinará! Tentações podem ser perturbadoras para minha mente, mas não são pecados em minha alma enquanto eu as rejeitar”.¹⁰³

Brooks ainda explica que o objetivo de Satanás não é tanto afetar os bens temporais do cristão, mas sua eternidade. Na aflição o crente clama por ser abalado em sua riqueza temporária, em sua saúde e em seus bens. A partir disso, Satanás muitas vezes consegue parte do seu objetivo - fazê-los pecar. “Em todas as aflições que trouxe a Jó, o projeto de Satanás não era de fazer dele um mendigo, mas fazê-lo blasfemar”.¹⁰⁴ É então aí que o crente deve se utilizar de todos os suficientes fundamentos e instrumentos que o Senhor lhes concede, para sua segurança.

O cristão, mais do que nunca deve se apropriar de todas as suas garantias. É assim que a fé funciona: “A fé é uma graça que tem a capacidade de apropriação; ela olha para Deus e diz com Davi: “Este Deus é o nosso Deus para sempre; ele será nosso guia até à morte” (Sl 48.14)”.¹⁰⁵ Assim, “viver pela fé faz a alma sentar-se satisfeita nos desnudos deleites de Deus. Viver pela fé faz secar as fontes do orgulho, do amor-próprio, da impaciência, dos murmúrios, da incredulidade e das delícias carnis deste mundo.”¹⁰⁶ O crente, pela aflição, compreende quem é o Senhor e o que ele faz – o Senhor é suficiente e ele tem um propósito. Os crentes “permanecerão contentes porque sabem que toda

¹⁰¹ *Ibid.* p. 14.

¹⁰² ALLRED, Frank. Como posso eu ter certeza? Editora pes: São Paulo, SP. 1ª Edição. 2003. p. 65.

¹⁰³ *Ibid.* p. 15.

¹⁰⁴ *Ibid.* p. 23.

¹⁰⁵ BROOKS, Thomas. O céu na terra. Editora Pes: São Paulo, SP. 2014. P. 27.

¹⁰⁶ BROOKS, Thomas. O silêncio do cristão sob o ardor da vara. O estandarte de Cristo. Disponível em: <<https://oestandartedecristo.com/2019/03/21/o-silencio-do-cristao-sob-o-ardor-da-vara-por-thomas-brooks/>>. Acesso em 23 Set 2022.p. 32.

provação terminará assim que o propósito do Pai celestial for cumprido”. Logo, Allred entende, “em vez de considerarem provações como indicações de desagrado divino, crentes seguros aprenderão a usá-las como meio pelo qual é aumentada a fé”.¹⁰⁷ “Considere como, pelas aflições passadas, o Senhor tem lhe feito olhar mais para o Céu, importar-se mais pelo Céu, prezar mais pelo Céu, e a ansiar mais pelo Céu”.¹⁰⁸ Então, depois da aflição, a razão se lembra e compreende o que Deus estava fazendo. Sibbes, portanto, conclui:

se Satanás vier para abalar meu título, abalar esta fé, eu o assegurarei que Cristo veio para salvar pecadores. Se ele protestar dizendo: teu título não é nada e está manchado, visto que tu tens muitos pecados e corrupções sobre o teu corpo mortal; responderei a ele: De que serve a minha fé senão para o meu conforto, para me mostrar que meu título está em Cristo? A minha força e o fundamento do meu conforto está nEle, não em mim mesmo.¹⁰⁹

A verdadeira fé, então, ainda que sofra, pois o sofrimento é real, sua natureza é reagir e frutificar. Sua inclinação é se apegar a Deus e às suas promessas. “O que está no âmago da fé verdadeira é o seguinte: estar contente e satisfeito com o plano da salvação de Deus, através de Jesus Cristo”.¹¹⁰ Assim, a fé “conhece o caminho para ir às preciosas promessas que Deus fez” e, “sabe que Deus trabalha de modo contrário ao que esperamos”.¹¹¹ É aqui que “a fé estabelece a promessa de Deus contra o Seu presente trabalho; como se dissesse, ‘ainda que tu me mates, contudo, confiarei em ti’ (Jó 13:15); pois todo este teu amor ainda é o mesmo; és misericordioso e gracioso, e não te irarás para sempre”. Sibbes, então, faz a ousada constatação: “A fé, como eu posso dizer, tira a máscara de Deus, vê através daquela nuvem escura que faz com que Deus pareça ser um inimigo por um tempo, pensando que Ele pode voltar novamente com mais abundância de conforto”.¹¹² Portanto, nas palavras de Brooks: “O cristão seguro e confiante vive no paraíso, anda no paraíso, trabalha no paraíso e descansa no paraíso; tem o céu dentro dele, em torno dele e por cima dele; todo o seu linguajar é céu, céu! Glória, glória!”.¹¹³ Esse é o consolo e a vida da fé.

¹⁰⁷ ALLRED, Frank. *Op. Cit.* p. 139.

¹⁰⁸ *Ibid.* p. 33.

¹⁰⁹ SIBBES, Richard. A Vida de Fé (As Obras Completas de Richard Sibbes, Volume 5) (pp. 16-17). Edição do Kindle.

¹¹⁰ GUTHRIE, William. *Op. Cit.* p. 28.

¹¹¹ SIBBES, Richard. A Vida de Fé (As Obras Completas de Richard Sibbes, Volume 5) (p. 43). Edição do Kindle.

¹¹² *Ibid.* pp. 43,44.

¹¹³ BROOKS, Thomas. O céu na terra. Editora Pes: São Paulo, SP. 2014. p. 167.

3.2 Os Inimigos da Certeza

Numa análise¹¹⁴ da parábola do filho pródigo¹¹⁵, o pastor Tim Keller percebe que a parábola manifesta duas expressões de pecado representadas nos dois irmãos: o mais velho, um legalista que permanece na casa do pai, e o mais novo, conhecido como ‘pródigo’, que abandona seu pai e se entrega à dissolução. Essas duas maneiras de agir representam uma falsa segurança e uma compreensão equivocada dos fundamentos da salvação. Keller observa que de certa maneira um é produto do outro, uma relação que permanece sob o mesmo problema, buscar salvação fora de Cristo. Enquanto um se entrega à dissolução e licenciosidade num falso conceito de liberdade, o outro se apega ao moralismo e formalidades exteriores. Estes inimigos estão de mãos dadas no mesmo equívoco – uma má compreensão do pecado e da salvação.¹¹⁶

Keller assume esse *insight* e explica esse fenômeno da seguinte forma:

Pensar no legalismo e no antinomianismo como elementos totalmente opostos um ao outro é um erro fatal para o pastor (...) eles são ‘gêmeos não idênticos do mesmo ventre’ e os remete à ‘mentira de Satanás’ no jardim do Éden, a saber, a mentira de que não podemos confiar na bondade de Deus nem em seu compromisso com nossa felicidade e bem-estar; portanto, se lhe prestarmos plena obediência, sairemos perdendo e seremos infelizes.¹¹⁷

No seio da igreja evangélica, e não fora, isso se manifesta pela “religiosidade” e pelo *decisionismo* baseados em experiências equivocadas da fé. O modo moralista de viver, e outro modo licencioso, sem mudança real de vida.

O puritano Thomas Watson (1616-1686) identifica a fé *hipócrita* passando por um crivo, de quatro etapas: primeiro, “a fé hipócrita estremece quando vem a provação”.¹¹⁸ Watson explica que o hipócrita não deseja que sua fé seja examinada, antes, que seja apenas enaltecida. O hipócrita não suporta a provação da fé. Em segundo lugar, “a fé hipócrita faz pouco caso da fé verdadeira”.¹¹⁹ O hipócrita não sente prazer na descrição das reais e vívidas virtudes e expressões da fé. Além disso, “a fé hipócrita tem uma mão incapaz. Com uma mão ela tomaria Cristo, porém não o faz; com a outra ela renuncia a Cristo. Ela tomaria Cristo por amor à segurança, porém não se dá a ela em rendição”.¹²⁰

¹¹⁴ KELLER, Tim. O Deus pródigo. Editora Thomas Nelson: Rio de Janeiro, RJ. 2ª edição. 2017.

¹¹⁵ Lucas 15:11-32.

¹¹⁶ KELLER, Tim. O Deus pródigo. Editora Thomas Nelson: Rio de Janeiro, RJ. 2ª edição. 2017. p. 51.

¹¹⁷ FERGUSON, Sinclair. *Op. Cit.* p. 16.

¹¹⁸ WATSON, Thomas. A ceia do Senhor. Editora os puritanos: Recife, PE. 1ª Edição. 2015. p. 59.

¹¹⁹ *Ibid.*

¹²⁰ *Ibid.*

E, por fim, segundo Watson, “a fé hipócrita é impura. O hipócrita diz que crê, porém prossegue no pecado. Ele adere ao credo, porém não aos mandamentos”.¹²¹

Esse crivo ajuda a compreender que a *presunção carnal* da segurança se expressa de várias maneiras. No caso do legalismo, pode-se explicar exatamente numa relação com a certeza, no equívoco quanto aos seus fundamentos. Os fundamentos da certeza não devem ser confundidos com os fundamentos da salvação. Ferguson adverte que, “talvez este seja o obstáculo mais sutil à certeza da salvação, também o mais comum...: confundir e misturar o fundamento da salvação com o meio pelo qual a certeza da salvação é confirmada e se desenvolve”.¹²² E conclui: “Nenhuma certeza pode ser derivada simplesmente da prática de examinarmos nossa santificação. Jamais devemos fazer confusão entre o âmago da certeza na fé e sua confirmação por meio de uma vida de serviço”.¹²³ O legalismo mistura-se e identifica-se com a maneira superficial de viver do crente moderno exatamente quando não compreende suas experiências.

O hipócrita, legalista, ainda que possa se parecer com o verdadeiro, sempre manifestará traços de falsidade. Watson descreve a falsa fé como uma semente (Marcos 4:5) que “brota sem quaisquer convicções e submissão da alma”.¹²⁴ A falsa fé é fruto do “autoengano”. É uma deturpação do *autoexame*. Baxter, em sua volumosa obra de teologia prática, falando a respeito dos hipócritas, define-os em duas categorias:

Há também dois graus de hipócritas: alguns deles têm apenas uma profissão geral de cristianismo e piedade, que é a religião professada do país onde vivem; estes são hipócritas porque professam ser o que não são; e outros fazem uma profissão maior e extraordinária de rigor especial em sua religião, quando não são sinceros; estes são eminentemente chamados de hipócritas...¹²⁵

Segundo Allred, “uma pessoa presunçosa é aquela que toma as coisas por certo. (...) Ela baseia sua ‘fé’ em vagas noções sobre a bondade de Deus. Ela faz as pazes consigo mesma ao ignorar a evidência das Escrituras e reprimindo sua consciência. A presunção não tem limites”.¹²⁶ William Guthrie explica que “a falsa fé nunca confia completamente em Cristo, e somente em Cristo”. Além disso, “a falsa fé de fato não recebe a Cristo como rei, sacerdote e profeta. (...) a falsa fé não está pronta a seguir a

¹²¹ *Ibid.*

¹²² FERGUSON, Sinclair. *Somente Cristo*. Editora vida nova: São Paulo, SP. 1ª Edição. 2019. p. 252.

¹²³ *Ibid.*

¹²⁴ WATSON, Thomas. *A ceia do Senhor*. Editora os puritanos: Recife, PE. 1ª Edição. 2015. p. 58.

¹²⁵ BAXTER, Richard. *The practical works of Richard Baxter*. Volume 1. (p. 176). Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/cache/epub/41633/pg41633-images.html>>. Acesso em 14 Nov 2022.

¹²⁶ ALLRED, Frank. *Op. Cit.* p. 76.

Cristo pelas agruras, perdas e sofrimentos”.¹²⁷ Essa fé hipócrita, segundo afirma Guthrie, pode se parecer muito com uma fé real. Segundo ele, “tudo o que o Espírito Santo pode dar ao crente pode ser imitado por pessoas que não são crentes verdadeiros”.¹²⁸

Guthrie trabalha a identidade primária do crente como que fluindo de seu interior. São os desejos e as vontades que devem produzir o modo de viver. “Uma diferença importante é que a vida interior do verdadeiro crente é transformada e feita de novo. Isso nunca ocorre com alguém que simplesmente se parece com um cristão, porém não é. Cristianismo verdadeiro começa em nossos corações”. De alguma forma pode ser perceptível a mudança que brota da mudança de coração e a que brota da presunção. No hipócrita há motivações secretas que o colocam entre os crentes. “Talvez queiram conseguir elogios dos outros por suas vidas. Talvez esperem escapar da ira de Deus contra seus pecados. Podem desejar sair de alguma confusão, ou se livrar de uma consciência dolorida”.¹²⁹ Keller, semelhantemente assume que aí está a diferença primordial – “na religião, tentamos obedecer aos padrões divinos por medo. Acreditamos que se não obedecermos, perderemos a bênção de Deus neste mundo e no próximo”. Resumindo: “Enquanto o moralista é obrigado a obedecer, motivado pelo medo da rejeição, o cristão se apressa a obedecer, motivado pelo desejo de agradar e de se parecer com aquele que deu a vida por nós”.¹³⁰

É interessante que, assim como há aqueles que negam a possibilidade da certeza, há aqueles que se apegam a uma falsa certeza. São todos filhos de um mesmo pai.¹³¹ O Catolicismo por exemplo, essencialmente legalista, nega a possibilidade da certeza, e acusam a doutrina da certeza da salvação de arrogância. Não percebem que é justamente o contrário. O legalismo como falsa certeza ou mesmo negação da possibilidade da certeza, é produto de um falso conhecimento da fé, para começar. A verdadeira certeza, ao contrário da falsa, não é expressão de arrogância, mas de humildade legítima. Porque a fé cresce exatamente quando a convicção de que o crente não pode se salvar cresce. É assim que a fé se expressa na sua raiz, como afirma Watson: “A fé tem mais dos benefícios de Cristo agregados a si porque ela é a graça mais simples”.¹³² Fé e humildade andam

¹²⁷ GUTHRIE, William. As raízes de uma fé autêntica. Editora pez: São Paulo, SP. p. 30.

¹²⁸ *Ibid.* p. 39.

¹²⁹ *Ibid.* p. 41.

¹³⁰ KELLER, Tim. Fé na era do ceticismo. Editora vida nova: São Paulo, SP. 1ª edição. 2015. p. 210.

¹³¹ VOS, Johannes Geerhardus. Catecismo maior de Westminster comentado. Editora os puritanos: São Paulo, SP. 1ª edição. 2007. p. 232-33.

¹³² WATSON, Thomas. A ceia do Senhor. Editora os puritanos: Recife, PE. 1ª Edição. 2015. p. 56.

juntas e “a humildade nunca foi perdedora. Quanto mais vazio for o cântaro, e mais fundo for o poço, mais água comportam; então, quanto mais vazia é de si mesma a alma, e mais baixo e sujeita à humildade, mais ela capta do poço da salvação”.¹³³ Essa é a natureza da fé. “A fé sai em busca de todas as provisões. Este é o balde que tira água do poço da vida”.¹³⁴

É numa falsa reação ou numa resposta equivocada que o indivíduo se volta contra a hipocrisia do legalismo e assume uma postura superficial e licenciosa, fruto de uma experiência enganosa. Os pastores e pregadores têm, em grande parte, contribuído para isso. Segundo Vos, uma parte fundamental da culpa começa no ensinamento baseado no fundamentalismo,

um tipo de evangelismo rasteiro que pouco ou quase nada diz sobre a necessidade do profundo arrependimento pelo pecado, que apresenta apenas uma declaração inadequada da base da segurança e que quase sempre tende a confundir a salvação em si mesma com a segurança do crente. Esse tipo de evangelismo raso encoraja as pessoas a pensarem que ao escreverem os seus nomes no lugar de “todo o que nele crê” em João 3:16, ou levantarem as suas mãos numa reunião confirmando a aceitação de Cristo como seu Salvador devem considerar de imediato como salvas e seguras para sempre.¹³⁵

Destacando os efeitos contemporâneos, esse tipo de pregação e evangelismo produziu uma grande quantidade de pessoas seguras de sua salvação, fundamentadas numa decisão ou num ato externo; ou seja, sem fundamentação algum. Esse tipo de orientação desvencilhou a confissão da obediência. Para Paul Washer há duas razões para o fenômeno contemporâneo de crentes sem vida, uma teológica e outra prática:

A razão teológica é que a magnífica doutrina da regeneração foi reduzida a nada mais que uma decisão humana. Poucos entendem o conceito do novo nascimento como obra sobrenatural de Deus, que transforma a natureza da pessoa de tal maneira, que ele pode ser descrita, como dizem as Escrituras, como uma nova criatura. A razão prática é que muitos têm recebido algo menos do que um evangelho bíblico, e foram convidados a voltar a Deus com nada mais senão a repetição de uma oração. São ignorantes da verdadeira natureza do arrependimento e fé, e não têm consciência das exigências do discipulado ou da natureza restrita da vida cristã.¹³⁶

Washer lê a massa desses crentes como “aqueles que apenas mudaram de opinião, em vez de serem aqueles que foram transformados pelo poder de Deus em novas criaturas,

¹³³ *Ibid.* p. 57.

¹³⁴ *Ibid.* p. 58.

¹³⁵ VOS, Johannes Geerhardus. Op. Cit. pp. 233-34.

¹³⁶ WASHER, Paul. Segurança e advertências do evangelho: Volume 3 (Recuperando o Evangelho) (pp. 290-291). Editora Fiel. Edição do Kindle.

com nova natureza, resultando em afetos novos e retos”.¹³⁷ A partir daí houve um relativismo das evidências da graça, que podem existir ou não. Assim, Washer entende que essa segurança, sem evidências, “é garantida por um pastor bem-intencionado, que rapidamente pronuncia os plenos benefícios da salvação sobre qualquer pessoa que tenha orado pedindo para receber a Cristo, mesmo que seja sem qualquer grau aparente de sinceridade”.¹³⁸ Esse tipo de postura se apresentou como uma resposta, segundo Paul Washer, à uma pregação “legalista”, contra um chamado absoluto e por demais “rígido” para viver de acordo com a lei de Deus.

O problema é que, ainda que a pregação legalista, sem o evangelho, seja uma realidade, como havia testificado Sinclair Ferguson, a licenciosidade ou o chamado superficial para a igreja não é a resposta. É, na verdade, uma versão do mesmo problema. O resultado é que, qualquer pregação com o mínimo de chamado real ao evangelho e advertência quanto aos juízos de Deus, tem sido vista como legalista. Segundo Washer, a realidade é que “muitos dentro da comunidade evangélica não são convertidos. Embora estejam vestidos com roupas do cristianismo contemporâneo, seu coração não regenerado permanece hostil a Deus e à sua vontade”.¹³⁹ Foi essa resposta e conduta rasa que deu origem ao decisionismo das igrejas evangélicas, que se assemelha ao sacramentalismo dos católicos – uma oração de alguns minutos é como o batismo romano que coloca o indivíduo numa posição elevada.

Essa falsa segurança é a “mãe da licenciosidade”. “Há aqueles que, de si mesmo, assumem uma esperança de que Cristo aturará que andem nos caminhos para o inferno e, todavia, tra-los-á ao céu”.¹⁴⁰ O coração não mudado se manifesta pela ausência da santidade, ou também por um conformismo inerte, uma ausência de mudança crescente. Como Baxter afirma, “descansar em uma boa condição é contrário à graça, que não pode senão promover a si para uma medida ainda maior”.¹⁴¹ É aqui onde se compreende que a verdadeira segurança, assim como a verdadeira fé, não caminha no pecado. “Deus fez uma separação eterna entre o pecado e a paz, entre o pecado e a alegria, e entre o pecado e a segura certeza da fé”.¹⁴² Nas palavras de Ferguson, “uma vida cristã que se contradiz conduz à falta de certeza. [...] o cristão que se acostuma a ser desobediente na vida perderá

¹³⁷ *Ibid.* p. 296.

¹³⁸ *Ibid.* p. 15.

¹³⁹ *Ibid.* p. 214.

¹⁴⁰ SIBBES, Richard. O Caniço Ferido (p. 66). Editora Monergismo. Edição do Kindle.

¹⁴¹ *Ibid.* p. 70.

¹⁴² BROOKS, Thomas. O céu na terra. Editora Pes: São Paulo, SP. 2014. p. 139.

a certeza da salvação”.¹⁴³ Isso quando simplesmente não abandonam a igreja. No caso, há dois modos de viver assim: dentro e fora da igreja. R. C. Sproul afirma que “um fato estabelecido é a realidade de que muitos daqueles que vêm à frente em cultos de evangelização logo abandonam todo o seu compromisso. A sua resposta impulsiva é, frequentemente, infundada”.¹⁴⁴

A resposta para esses problemas é o correto entendimento e o correto ensino sobre Deus e sua obra em Cristo. É voltando-se à base do problema: “A raiz de ambos os erros é uma só e, por isso, a cura é a mesma: exaltar a essência da bondade e do amor de Deus por meio de uma nova narrativa do evangelho que transforma a obediência em alegria”.¹⁴⁵ A motivação para viver para a glória de Deus não deve ser o medo do inferno, mas gratidão por tudo aquilo que Deus é e fez em Cristo Jesus – sua graça comunicada em sua obra. Essa graça não produz licenciosidade, pelo contrário, ela domina o coração do crente, com santo temor e reverência, para andar diante da face de Deus. “Assim temos a ordem de ‘servir o SENHOR com temor e regozijai-vos nele com tremor’ (Sl 2.11), porque alegria sem temor equivale a orgulho; temor sem alegria equivale a desespero; ambos juntos acrescentam à mente confiança sólida com profunda humildade.”¹⁴⁶

A verdadeira fé é escrava da justiça, porque “uma vez libertos do pecado, fostes feitos servos da justiça”;¹⁴⁷ é liberta pela verdade, pois “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”;¹⁴⁸ e é constrangida pelo amor, porque “o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmo, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”.¹⁴⁹

¹⁴³ FERGUSON, Sinclair. Somente Cristo. Editora vida nova: São Paulo, SP. 1ª Edição. 2019. P. 253.

¹⁴⁴ SPROUL, R. C.. Posso Saber se Sou Salvo? (Questões Cruciais) (pp. 16-17). Editora Fiel (www.editorafiel.com.br). Edição do Kindle.

¹⁴⁵ *Ibid.* p. 18.

¹⁴⁶ TURRETINI, François. Compêndio de teologia apologética. Volume 2. Editora cultura cristã: 1ª Edição. 2011. p. 752.

¹⁴⁷ Romanos 6:18.

¹⁴⁸ João 8:32.

¹⁴⁹ 2Coríntios 5:14.

CONCLUSÃO

A doutrina da certeza, como afirmado, trata diretamente do “maior caso de consciência”, o ponto mais intrigante da casuística – a dúvida sobre a própria salvação. Somente uma rica compreensão a respeito de Deus, de sua obra, da natureza da fé e da condição natural do homem, pode conduzi-lo à uma certeza plena.

Os pastores em seus ministérios, o movimento de aconselhamento bíblico e a psicologia cristã devem considerar as contribuições desta abordagem e o gênio do puritanismo em sua teologia e vida. As igrejas reformadas, e mesmo as igrejas evangélicas em geral, devem se aprofundar no conhecimento histórico do movimento pós-reforma, seus escritos e personalidade peculiar, a fim de terem um modelo bem consolidado e vívido de uma expressão madura da vida e teologia cristãs. Na certeza da salvação – seu caminho histórico e desenvolvimento teológico –, a igreja moderna pode encontrar tudo isso.

BIBLIOGRAFIA

ALLEINE, Joseph. **Um guia seguro para o céu**. Editora pes: São Paulo, SP. 1ª. 2014.

ALLRED, Frank. **Como posso eu ter certeza?** Editora pes: São Paulo, SP. 1ª Edição. 2003.

BAVINCK, Herman. **A certeza da fé**. Editora monergismo: Brasília, DF. 1ª Edição. 2018.

BAXTER, Richard. **Firmes na Fé: Conselhos para Crentes Fracos**. Knox Publicações. Edição do Kindle.

_____. **The practical works of Richard Baxter. Volume 1**. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/cache/epub/41633/pg41633-images.html>>. Acesso em 14 Nov 2022.

BURGESS, Anthony. **Faith seeking assurance**. Disponível em: <https://content.wtsbooks.com/shopify/pdf_links/9781601783691.pdf>. Acesso em 22 Set 2022.

BEEKE, Joel; JONES, Mark. **Teologia puritana**. Editora vida nova: São Paulo, SP. 2016.

BEEKE, Joel; REEVES, Michael. Puritanos. **Toda vida para a glória de Deus**. Editora defesa do evangelho: Franca, SP. 1ª edição. 2021.

BEEKE, Joel; THOMPSON, Nicholas. **Puritanos**. Lições sobre o puritanismo. Editora defesa do evangelho: Franca, SP. 1ª edição. 2021.

BEEKE, Joel. **A segurança da salvação**. Editora Vida nova: São Paulo, SP. 1ª Ed. 2019.

_____. **Espiritualidade reformada. Uma teologia prática para a devoção a Deus**. Editora fiel: São José dos Campos, SP. 2014.

BOSTON, Thomas. **Eu sou realmente um cristão? Oito dúvidas respondidas**. Nadere Reformatie Publicações. Edição do Kindle.

BROOKS, Thomas. **O céu na terra**. Editora Pes: São Paulo, SP. 2014.

_____. **O silêncio do cristão sob o ardor da vara.** O estandarte de Cristo. Disponível em: <<https://oestandartedecristo.com/2019/03/21/o-silencio-do-cristao-sob-o-ardor-da-vara-por-thomas-brooks/>>. Acesso em 23 Set 2022.

BUNYAN, John. **Graça abundante ao principal dos pecadores.** Editora Fiel. Edição do Kindle.

_____. **Jesus Cristo: Um Salvador Perfeito.** Editora o estandarte de Cristo. Edição do Kindle.

BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração evangélica.** Editora os puritanos. 1ª edição. 2015.

CALVINO, João. **A instituta da religião cristã. Tomo 2.** Editora unesp: São Paulo, SP. 1559.

CAMPOS JR., Heber. **Amando a Deus no mundo: Por uma cosmovisão reformada.** Edição do Kindle.

Catecismo maior de Westminster.

Confissão de fé de Westminster.

DEVER, Mark. **A teologia afetuosa de Richard Sibbes.** (Um Perfil de Homens Piedosos). Edição do Kindle.

FERGUSON, Sinclair. **Somente Cristo.** Editora vida nova: São Paulo, SP. 1ª Edição. 2019.

GOODWIN, Thomas. **O coração de Cristo. O cuidado do salvador no céu para com os pecadores na terra.** Editora os puritanos: Recife, PE. 1ª Edição. 2020.

GUTHRIE, William. **As raízes de uma fé autêntica.** Editora pez: São Paulo, SP. 1992.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico. Novo testamento. Atos a apocalipse.** Edição completa. Editora CPAD. 2017.

_____. **Comentário bíblico. Novo testamento. Mateus a João.** Edição completa. Editora CPAD. 2017.

HULSE, Errol. **Quem foram os puritanos?** Editora pes: São Paulo, SP. 2004.

JOHNSON, Eric L. **Fundamentos para o cuidado da alma. Uma proposta de psicologia cristã.** Editora shedd publicações. 1ª edição. 2021.

- JONES, Mark. **Fé, esperança e amor**. Editora monergismo: Brasília, DF. 2018.
- KELLER, Tim. **Fé na era do ceticismo**. Editora vida nova: São Paulo, SP. 1ª edição. 2015.
- _____. **O Deus pródigo**. Editora Thomas Nelson: Rio de Janeiro, RJ. 2ª edição. 2017.
- _____. **Puritans resources for biblical conseuling**. Disponível em:<<https://www.ccef.org/puritan-resources-biblical-counseling/>>. Acesso em 26 Set 2022.
- LEWIS, Peter. **The genius of puritanism**. Soli deo gloria publications. Grand Rapids, MI. 1977.
- MCKINLEY, Mike. **Eu sou mesmo um cristão?** Editora fiel. Edição do Kindle.
- OWEN, John. **Evidências da Fé Salvífica**. Editora Trinitas. Edição do Kindle.
- _____. **Para vencer o pecado e a tentação**. Editora cultura cristão: São Paulo, SP. 1ª Edição. 2010.
- PACKER, J. I. **Entre os gigantes de Deus. Uma visão puritana da vida cristão**. Editora fiel: São José dos Campos, SP. 2ª Edição. 2016.
- PERKINS, William. **Cases of conscience**. Disponível em:<<https://www.apuritansmind.com/puritan-favorites/william-perkins/cases-of-conscience/>>. Acesso em 15 Nov 2022.
- RYKEN, Leland. **Santos no mundo**. Editora Fiel: São Paulo, SP. 2ª edição. 2013.
- SIBBES, Richard. **A Vida de Fé (As Obras Completas de Richard Sibbes, Volume 5)**. Edição do Kindle.
- _____. **O Caniço Ferido**. Editora Monergismo. Edição do Kindle.
- SPROUL, R. C. **Posso Saber se Sou Salvo? Questões Cruciais**. Editora Fiel (www.editorafiel.com.br). Edição do Kindle.
- TURRETINI, François. **Compêndio de teologia apologética. Vol 1**. Editora cultura cristã: São Paulo, SP. 1ª edição. 2011.
- _____. **Compêndio de teologia apologética. Volume 2**. Editora cultura cristã: 1ª Edição. 2011.

VICENTE, Christopher. **A Prática Bíblico-Puritana do Autoexame**. Nadere Reformatie Publicações. Edição do Kindle.

VLIET, J. Van. **The moral theology of William Ames**. Disponível em: <<https://www.apuritansmind.com/puritan-favorites/william-ames/the-moral-theology-of-william-ames/>>. Acesso em 11 Nov 2022.

VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo maior de Westminster comentado**. Editora os puritanos: São Paulo, SP. 1ª edição. 2007.

WASHER, Paul. **Segurança e advertências do evangelho: Volume 3 (Recuperando o Evangelho)**. Editora Fiel. Edição do Kindle.

WATSON, Thomas. **A ceia do Senhor**. Editora os puritanos: Recife, PE. 1ª Edição. 2015.